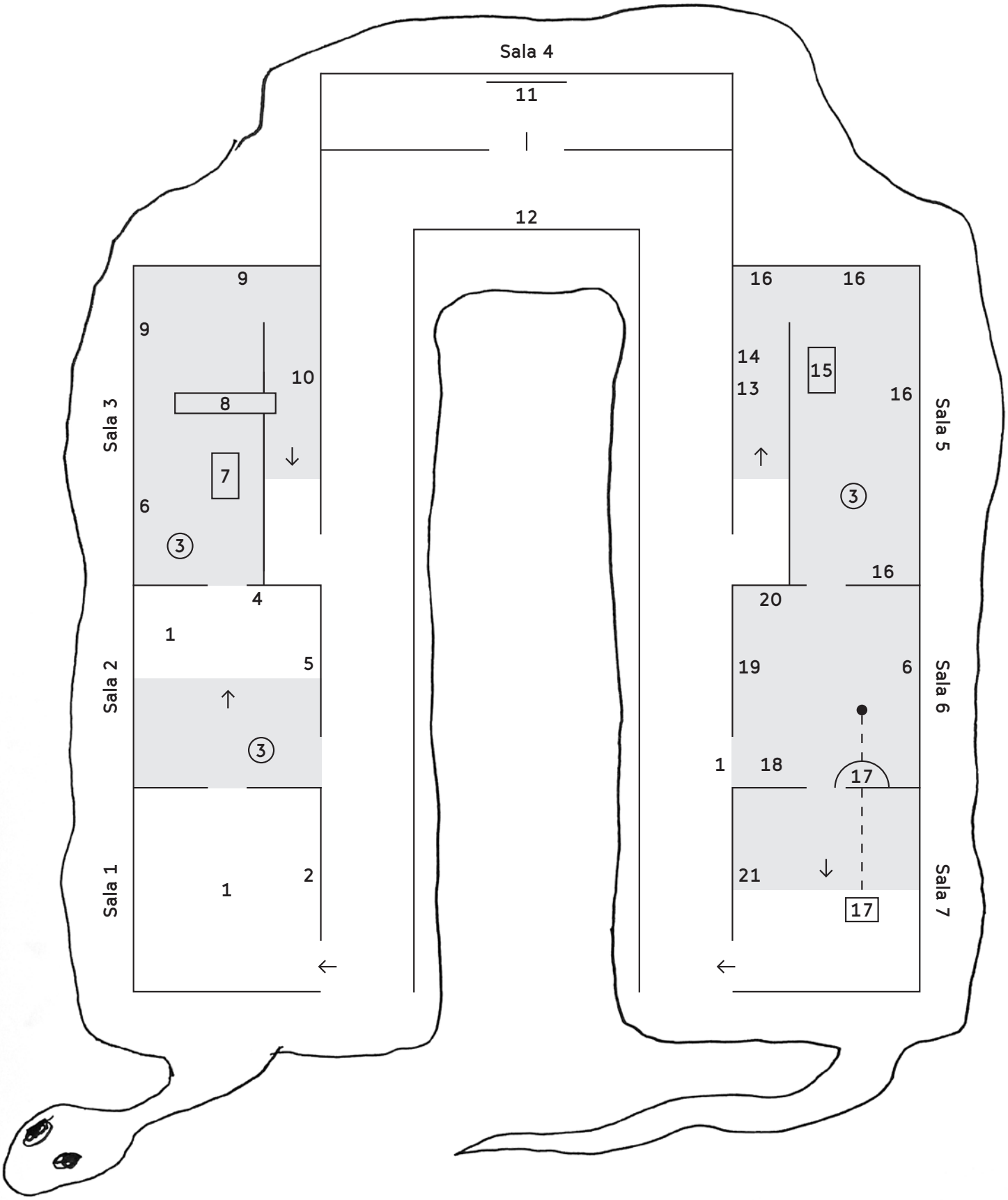
Culturgest
Fundação
Caixa Geral
de Depósitos

Artes Visuais ×

Sara Graça

Boa Good Sorte Luck

Galeria 2
22 NOV–22 FEV 2025



1
Um sistema inteiro pesa mais ou menos 3kg, 2025
Barro vermelho cozido, aglomerado, contraplacado, policabornato alveolar, MDF, t-shirts, peruca, bandolete e tutu de fantasia, esferovite, tinta esmalte e tinta spray acrílica

2
"... is it like a fake clock?", 2025
Grafite sobre papel

3
Para cima um bocadinho, para baixo MUITO, 2025
Aglomerado laminado, Superpan e MDF reutilizado

4
Irritação, 2025
Estante de madeira encontrada e intervencionada

5
"And Who TF are those guys?", 2025.
Grafite sobre papel

6
Algodão pré-encolhido, 2025
Impressão de brometo e sais de prata

7
42% Poliéster, 2025
Manequim, roupa, jesmonite, tinta spray acrílica, latão, MDF pintado

8
Art wall, 2025
Superpan, contraplacado, aglomerado laminado, madeira de pinho e projetores de iluminação

9
Cliques são escolhas, cliques são adereços, 2025
Impressões de brometo e sais de prata

10
"... but what is this for?", 2025
Grafite sobre papel

11
Sai em breve, 2025
Vídeo, som, 10' (loop)

12
"my memory of rain", 2025
Grafite sobre papel

13
"does your boyfriend have keys now?...", 2025
Grafite sobre papel

14
"... I think I'm moving out", 2025
Grafite sobre papel

15
58% Poliéster, 2025
Manequim, roupa, jesmonite, tinta spray acrílica, roofmate, cartão, MDF pintado

16
Boa Good Sorte Luck, 2025
Impressões de brometo e sais de prata

17
Presa-em-spandex--candeeiro-de-rua--árvore-prédio, 2025
Esferovite, ferro pintado, plintos da Culturgest reutilizados, madeira de pinho, MDF pintado, aglomerado e lycra

18
Enquadramento de musical, 2025
Ferro lacado

19
"não olhem para mim...", 2025
Grafite sobre papel

20
Para baixo MUITO, 2025
Aglomerado laminado, rodas, mochilas, malas e roupa

21
"do you still love me?", 2025
Grafite sobre papel

Ressaltar entre coisas
Francesca Gavin

Inventar uma nova linguagem visual não é tarefa fácil. Estabelecer uma conversa, explorar a disseminação de ideias e a transmissão de sentimento é algo a que qualquer artista aspira. No caso de Sara Graça, essa sintaxe desenvolveu-se de forma natural e orgânica, através da justaposição de objetos, desenhos, fotografias e imagem em movimento. A artista portuguesa radicada em Londres alimenta um diálogo entre as suas obras que atravessa exposições, plataformas digitais e espaços que parecem intrinsecamente seus.

Pode dizer-se que o trabalho de Sara Graça é devedor da estética dos blogs ou de sites como o Tumblr – aquelas plataformas web, hoje praticamente ultrapassadas, desenhadas para partilharmos imagens. Ela tem muitas contas diferentes. O que torna essa plataforma incomum nos dias que correm é a forma como os utilizadores podem reescrever o código HTML das suas páginas e transformar o seu aspeto de raiz. Há algo de personalizável e experimental nessa possibilidade – uma abordagem *corta-e-cola* que surge, não só nos arquivos online da artista, mas também na forma como trabalha o espaço em contexto expositivo. Sara Graça não parece obcecada com a delicadeza do resultado ou do processo. O que lhe parece interessar é o modo como as imagens ou a justaposição de objetos podem incorporar um conceito – como o significado se pode desenvolver e, de certa forma, ressaltar entre coisas ou como a combinação de elementos abre espaço à interpretação do espectador. O seu trabalho é intencionalmente anti perfeccionista.

A prática de Sara Graça é fortemente baseada na sua existência quotidiana. As coisas que vê, os lugares onde viveu, as pessoas que conhece, os artistas e as ideias que pesquisa. Há uma dose de autobiografia e de espírito de descoberta no exercício de seguir a artista enquanto ela vagueia pela vida e deixa a experiência infiltrar-se na sua prática. No entanto, o trabalho não se limita ao pessoal; é mais uma reflexão sobre o presente. Os seus objetos de inspiração atuam como catalisadores de conceitos; os constituintes do seu trabalho são recorrentemente encontrados e reaproveitados – uma reação à matéria.

O conceito de lar é um motivo recorrente – em particular, uma consciência da precariedade na habitação e da fragilidade do espaço urbano no contexto da gentrificação. É algo que ela vivenciou tanto em Portugal como em Londres. A certa altura, chegou a usar a sua casa como um espaço expositivo temporário. No entanto, a forma como estas questões se manifestam é instável. Colagens feitas a partir de páginas de catálogos da IKEA, legendadas como "Sweetie, don't be sad...". Uma réplica em cerâmica de uma peça de Lego XXL que encontrou num supermercado. Estruturas em forma de rampa construídas a partir de desperdícios de madeira. As suas exposições assumem uma dimensão expandida, próxima da instalação. Pavimentos, carpetes e paredes são todos elementos que ela tem em consideração.

A música é também uma influência constante no desenvolvimento da prática de Sara Graça. Ela começou, desde cedo, a colaborar com músicos, nomeadamente criando vídeos e fazendo VJing em concertos das suas amigas Pega Monstro e da cena que as rodeava. A abordagem DIY à criação que ali encontrou veio alimentar a forma como começou a fazer arte: um processo criativo consciente do público, com uma imagética ilimitada e muito própria. Uma prática visual que reflete uma das premissas de fazer música – uma certa confiança no não resolvido.

Os vídeos de Sara Graça, por sua vez, foram criados através de colagens e sobreposições de imagens usando o software Premiere Pro. A certa altura, ela mostrou vídeos em iPads inseridos em pastas que podiam ser passadas de mão em mão num ambiente social. As interações sociais chegaram a tornar-se, por vezes, o trabalho ele mesmo. Em 2021, transformou um espaço expositivo num ponto de encontro onde recebia pessoas para, de seguida, as conduzir à praia. Mais recentemente, fez fotografias do conteúdo da sua mala que imprimiu à escala de uma parede – um retrato literal das coisas que carregamos connosco.

Há uma dimensão cenográfica nas suas exposições, sobretudo naquelas que se centram na produção escultórica. Exibiu ratazanas com quatro metros de comprimento, construídas em cartão, dobrado e pintado com lixívia, sob o olhar de imagens de gatos com os olhos recortados. Uma narrativa espacializada. Estamos, no entanto, fortemente conscientes de estar perante representações, não perante a coisa real. Os buracos são um motivo recorrente – elementos que rompem a superfície das obras, conectando e fundindo as dimensões da ideia e da realidade. Abrir um buraco numa imagem quebra a ilusão da experiência artística.

As obras de Sara Graça abordam tanto a bidimensionalidade quanto o volume – objetos tridimensionais autoportantes feitos a partir de materiais laminares. De certa forma, ela explora a ideia de corpo em modo expandido, ocupando espaço – por vezes como homenagem à história feminista. Embora o corpo seja parte de muitas das suas obras que recorrem a imagem, ele aparece frequentemente de forma fragmentada. É raro vermos uma figura humana completa. Um vídeo projetado sobre tecido suspenso mostrando pessoas a amparar outras que caem para trás. Impressões UV de pés vestidos com meias às riscas. Todos estes elementos tocam nas ideias fundamentais da Escultura como meio para considerar o objeto na sua relação com o corpo humano no espaço.

Uma série de cortinas de missangas suspensas, feitas à mão, faz referência tanto ao texto e à criação de imagem quanto ao corpo. A lista de materiais destas peças é notável, incorporando uma variedade de elementos que incluem um post-it encontrado, uma fotografia tipo passe, notas de duas divisas diferentes, um cartão SD, um porta-cartões, missangas de vidro, etiquetas, porta-chaves e recortes de revistas. Há algo de corporal nestas peças têxteis e objetuais. São de dimensão humana, acumulativas – como se o objeto da vida fosse sintetizado numa forma plana.

Apesar desta consciência apurada da superfície e da estrutura, o trabalho de Sara Graça parece, cada vez mais, tentar apreender como representar a vida emocional. Como apresentar um sentimento. A tradução de algo inapreensível. A experiência do sono, da música, do lar, do humor, das fronteiras psicológicas, dos limites físicos. Uma prática que procura compreender o que significa ser humano.

(Texto incluído no livro quando *acabares o teu chá… já vai ter ~~fechado~~ morrido!,* disponível na livaria da Culturgest)

Curadoria Bruno Marchand
Direção de Produção Mário Valente
Produção Joana Leão, Fernando Teixeira
Montagem Expoload, Skog
Assistência à artista Bruno Bogarim
Agradecimentos Manuel Lobão, Teresa Santos, Nuno Tomaz, Ivan Robirosa, Grace Black, Alfredo Simões

Apoio:

HENRY MOORE FOUNDATION